

PALESTRAS

UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE*

Dr. Joaquim Pondé Filho

Coordenador do NEPTI-UATI

Prof. Visitante do Dep. de Ciências Biológicas

Desde eras imemoriais, o homem tem feito esforços denodados para dilatar o seu tempo de vida na terra. A principal luta que se instala a nível das culturas é a de buscar maiores e melhores condições para prolongar a juventude, conservar a maturidade e retardar a velhice.

Platão reconhecia a importância da “cultura física para o prolongamento da vida e lamentava não ter dado ainda na mocidade a devida atenção aos exercícios físicos”. Cícero, entre os romanos, afirmava: “As melhores armas contra a velhice são as letras e as virtudes”.

As pessoas mais idosas, entre os judeus, eram chamadas “anciãos” e desempenhavam a função de conselheiro.

As análises realizadas pelos humanistas e enciclopedistas na Renascença e véspera da Revolução Francesa seguem o mesmo curso dado pelos antigos ao problema da velhice, pelo que apontam para o *material legado pelo homem ao atingir a maturidade tardia, às novas gerações*.

Se entre os pensadores antigos, os humanistas e enciclopedistas há registros de que as sociedades a que pertenciam tratavam positivamente a questão do idoso no contexto dos *status* privilegiados (cidadão, generais, nobres, etc.) de tais sociedades, o mesmo não se pode dizer a respeito das sociedades modernas, resultantes da implantação do modo de produção desde há muitos anos para cá. Lentamente, no transcurso dos séculos e mais ainda na sociedade industrial, a qual adquire expressão a partir do começo deste século, os homens modificaram sua conduta, passando, progressivamente, a estigmatizar os velhos, com preconceitos e convenções que, ao generalizar, marcaram a velhice como uma etapa de enfermidade, inutilidade, isolamento e segregação.

*Trabalho apresentado na III Jornada da 3ª Idade do Sudoeste Baiano (UESB)

PERSPECTIVAS DEMOGRÁFICAS SOBRE A QUESTÃO

Estudos demográficos realizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) constataam o crescente envelhecimento da população mundial, resultante do aumento da expectativa de vida, conseqüentemente às melhorias das condições médico-sanitárias, principalmente após a Segunda Guerra Mundial. De tal modo, o número de idosos que, em 1970, era estimado em 350 milhões, com projeção, para o ano 2 000, de 600 milhões, e de 1 bilhão para o ano 2 025.

No ano que concerne à inteligência, estudos recentes no campo da Antropologia, da Psicologia e da Sociologia, bem como na área da medicina, pela Gerontologia e Geriatria, têm servido para derrubar o preconceito e para acentuar a capacidade do idoso para o aprendizado, chegando Kastenbaum (Velhice, anos de plenitude) a afirmar: "praticamente todo mundo permanece capaz de aprender durante toda a vida". Citam-se, nos tempos mais recentes homens, como, de Gaulle, Churchill, Ho Chi Min, Mao Tse-Tung, no campo político, Bernard Shaw, Bertrand Russel, Picasso, Chaplin, para citar alguns, entre os intelectuais e artistas que exerceram suas atividades de modo lúcido e produtivo em idade avançada. No Brasil, merecem ser destacados Dom Helder Câmara, Gilberto Freire, Florestan Fernandes, Tristão de Ataíde, Sobral Pinto, Jorge Amado, Mário Lago, Henriqueta Briebea, Paulo Gracindo, Raquel de Queiroz, e muitos outros, com intensa produção em idade acima dos 70 anos.

No Brasil, o censo populacional de 1991 demonstrou um crescimento bem aquém do esperado por muitos. Acreditava-se estar vivendo no período de franca "explosão demográfica", ilusão essa devida ainda a grandes aumentos das nossas cidades, fruto de uma acelerada e constante migração rural. Atualmente, mais que $\frac{3}{4}$ vivem em zonas urbanas.

Neste final de século, assistimos, no Brasil, a um verdadeiro "BOOM" de idosos. A faixa etária de 60 ou mais anos é a que mais cresce em termos proporcionais. Tal aumento nos colocará em termos absolutos como a sexta população de idosos no mundo, isto é, mais de 32 milhões de pessoas com 60 anos ou mais. E estas mudanças significativas da pirâmide populacional começam a acarretar uma série de previsíveis conseqüências sociais, econômicas, culturais e epidemiológicas para as quais ainda não estamos preparados para enfrentar.

Apesar de constatar-se que o envelhecimento demográfico é um fato no mundo de hoje, com tendência a crescer progressivamente, as iniciativas em defesa de um novo comportamento da sociedade frente àqueles que atingiram

a terceira idade são raras e quase sempre eivadas de assistencialismos. Como se trata de um fenômeno novo, com graves repercussões sobre as sociedades, não cabe ignorá-lo, nem abordá-lo à luz de estereótipos e pre-conceitos. Ele requer propostas urgentes e criativas.

Dessa forma é que, a partir de 1972, o Prof. Pierre Vellas, cria na Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, na França, a PRIMEIRA UNIVERSIDADE DA 3ª IDADE.

Como bem lembra o Prof. Vellas, na época:

As universidades da terceira idade foram criadas com o objetivo de contribuir para o progresso da pesquisa gerontológica, além dos programas de educação permanente, de educação sanitária e de ações de serviços comunitários que constituem as outras áreas bem conhecidas de suas atividades.

As UATIS apresentam duas características “essenciais”:

1. São instituições de caráter universitário, associadas ou integradas a universidades;
2. São instituições gerontológicas. Seu objetivo é não apenas contribuir para a elevação dos níveis de qualidade de vida e de saúde de seus “estudantes universitários de terceira idade”, como também trabalhar com outras instituições, para favorecer a obtenção de um progresso que beneficie o conjunto de pessoas idosas.

Muito rapidamente, as universidades da terceira idade se desenvolvem pelo mundo, abrindo-se cada vez mais os contatos inter-gerações e a inserção das pessoas idosas numa civilização de lazeres e de tempo escolhido. Atualmente, são mais de duzentas universidades espalhadas em todos os continentes, desenvolvendo estudos, pesquisas e atividades socioculturais destinadas à faixa etária da população que atingiu a maturidade média e tardia.

No Brasil, o Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo foi o pioneiro e, ainda hoje, líder deste movimento, estabelecendo inúmeros estudos e centros da 3ª idade. Outras atividades com denominações variadas, sob o patrocínio de universidades públicas e privadas, foram criadas em Florianópolis, Fortaleza, Campinas, Passo-Fundo, Juiz de Fora, Rio de Janeiro, São Paulo, Piracicaba, Belo Horizonte. Na Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana, Universidade Católica e Faculdade de Educação da Bahia. Presentemente, instituições educacionais canadenses estão em entendimento com

universidades baianas, visando o estabelecimento de um trabalho conjunto sobre a matéria. Em novembro de 1982, o plenário do Conselho Federal de Educação aprovou, por unanimidade, o envolvimento das universidades brasileiras na temática da terceira idade. Daí para cá, muito pouco foi feito.

Só recentemente (janeiro de 1994), a Lei 8 842 de 04.01.94, já sancionada pelo Presidente da República e publicada no Diário Oficial Federal de 05.01.94, compromete, definitivamente, a Universidade Brasileira na questão do idoso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Robert M., LEWIS, Myina I. *Sexo e amor na 3ª Idade*. São Paulo: Summus Editorial, 1976.
- CARVALHO, Filho Eunico Thomaz de. *Noções práticas de gerontologia*. São Paulo: Atheneu. 1994.
- CORRÊA, Arlindo Lopes. *Em defesa dos velhos*. Brasília: Mobral MEC, 1974. 10p.
- GOMES, Frederico Alberto de Azevedo. *Caminhos de envelhecer*. Rio de Janeiro: Soc. Brasileira de Gerontologia. Revinter, 1994
- THIRIET, Michele. KEPÉS, Suzanne. *Mulheres de 50 anos*. Porto Alegre: Ed. Le PM, 1995.
- VIEIRA, Eliane Brandão. *Manual de gerontologia*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996. 185p.